

revista

ILUMINART

IFSP

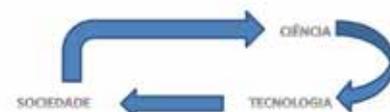
REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA • ANO V • Nº 10 • IFSP - CAMPUS SERTÃOZINHO • JUNHO / 2013



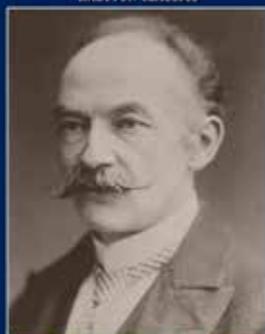
Proeja-FIC



ELEIÇÕES
IFSP 2012



HALCYON CLASSICS



THOMAS HARDY
TESS OF THE
D'URBERVILLES



- Marcas e trajetórias da Educação profissional no Brasil
Parte 1: Primeiros quatrocentos anos de história do Brasil (1500 a 1900)
- Marcas e trajetórias da Educação profissional no Brasil
Parte 2: Das escolas de aprendizes artífices à Reforma Capanema
- Marcas e trajetórias da Educação profissional no Brasil
Parte 3: Dos anos 60 ao surgimento dos Institutos Federais
- A importância do trabalho de campo nas séries iniciais do ensino fundamental: "Fios e desafios no ensino da Cartografia Escolar"
- Avaliação diagnóstica inicial em turmas do Proeja - FIC: contribuições para uma aprendizagem significativa
- De Wessex para o mundo: a universalidade de *Tess of The D'urbervilles*
- Um estudo do espaço, identidade e do narrador em *O Sol se Põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho
- O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo: a importância da ciência, tecnologia e sociedade para o ensino
- Compreendendo a relação mãe e filha em uma experiência em Psicodiagnóstico Interventivo Infantil
- A Sociedade Digital e a Gestão da Educação Pública: o papel da coordenação pedagógica na escola
- *Lean Seis Sigma* (LSS): a implantação do LSS como resultado da aprendizagem e experiência através de um laboratório de aprendizagem (LA)
- Utilização de *software* livre *Blender* como ferramenta para a construção de material didático facilitador do processo de ensino e aprendizagem em química
- *Minimal cycles, neutral and non-neutral vertices in tournaments*
- Resenha: O Folhetim televisivo: a adaptação de *Incidente em Antares* para a televisão
- Relato de caso: Eleições para reitor e diretores gerais de *campi* do IFSP 2012 - Relatório da Comissão Eleitoral Central - CEC



O SOL SE
PÕE EM
SÃO PAULO
BERNARDO CARVALHO



CORPO EDITORIAL

Editor-chefe

Altamiro Xavier de Souza - IFSP

Editor substituto

Weslei Roberto Cândido - UEM

Conselho Editorial

Altamir Botoso – UNIMAR *
Ana Cristina Troncoso – UFF *
Andréia Ianuskiewtz – IFSP *
Anne Camila Knoll Domenici – IFSP
Antonio Sergio da Silva – UEG *
Antonio Sousa Santos – UFVJM *
Carlos Alexandre Terra – IFSP *
Gabriel Roberto Martins – IFSP
Janete Werle de Camargo Liberatori – IFSP *
José Carlos de Souza Kihl – FATEC *
Mauro Nicola Póvoas – FURG *
Plínio Alexandre dos Santos Caetano – IFSP
Reinaldo Tronto – IFSP *
Rodrigo Silva González – UFV *
Whisner Fraga Mamede – IFSP *

Conselho Consultivo

Alexandre do Nascimento Souza – USP
Alexandre Henrique de Martini – IFSP
Álvaro José Camargo Vieira – PUC-SP / FIT
Amadeu Moura Bego – IFSP
Amanda Leal Oliveira – USP
Amanda Ribeiro Vieira – IFSP
Ângela Vilma Santos Bispo – UFRB
Araci Molnar Alonso – USP/EMBRAPA DF
Cintia Almeida da Silva Santos – IFSP
Cristiane Cinat – UNESP
Denise Paranhos Ruys – IFSP

Eduardo André Mossin - IFSP
Eliana de Oliveira – FACFITO
Emanuel Carlos Rodrigues – IFSP
Eulália Nazaré Cardoso Machado – IFSP
Josilda Maria Belther – IFSP
Kjeld Aagaard Jakobsen – USP
Leandro Dias de Oliveira – UFRRJ
Luciana Brito – UENP / UEL
Luiz Carlos Leal Júnior – IFSP
Magno Alves de Oliveira – IFB
Marina P. A. Mello – FACFITO / UNICAIEIRAS
Marsele Machado Isidoro – IFSP
Nadja Maria Gomes Murta – UFVJM / PUC-SP
Pedro Cattapan – UFF
Pierre Gonçalves de Oliveira Filho – FAMEC
Ricardo Castro de Oliveira – UFSCAR
Rita de Cássia Bianchi – UNESP
Ronaldo de Oliveira Rodrigues – UFPA
Rosana Cambraia – UFVJM
Tânia Regina Montanha Toledo Scorparo – UENP
Vágner Rodrigues de Bessa – UFV
Wellington Luiz Alves Aranha – UNESP

Monitoria

Gabriel Roberto Martins – IFSP

Designer Gráfico

Nildo Xavier de Souza

Diretor Geral do IFSP - Campus Sertãozinho

Lacyr João Sverzut

Reitor do IFSP

Eduardo Antonio Modena

* Membros do Conselho Editorial que participam do Conselho Consultivo também.



REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA
ISSN 1984-8625
Fundada em 2008
Períodicidade Semestral

<http://www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista/iluminart.html>

 revistailuminart@ifsp.edu.br / revista.iluminart@gmail.com

 <https://www.facebook.com/iluminart.iluminart>

www.ifsp.edu.br/sertaozinho
Rua Américo Ambrósio, 269 - Jd. Canaã
Sertãozinho - SP - Brasil - Cep: 14169-263
Tel.: +55 (16) 3946-1170

Copyright © Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Sertãozinho

Para publicação, requer-se que os manuscritos submetidos a esta revista não tenham sido publicados anteriormente e não sejam submetidos ou publicados simultaneamente em outro periódico. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem permissão por escrito da detentora do copyright. O conteúdo dos artigos são de responsabilidade, única e exclusiva, dos respectivos autores.

PALAVRAS DO EDITOR

Chegamos ao 10º número!

E, o mais importante, chegamos fortes, com disposição de elevarmos o padrão da **Illuminart**. Transformá-la cada vez mais em um farol, um canal de comunicação entre o IFSP e a comunidade acadêmica de um modo geral; pois através de pesquisas transformadas em artigos conseguimos aprender sobre o que se produz interna e externamente à Instituição. São artigos recebidos de todas as regiões do Brasil, com diversidade de temas, assuntos e estilos de escrita.

Internamente, o IFSP passa por um período de transição. O processo de escolha do novo reitor – o primeiro eleito pelos seus pares (o reitor anterior foi eleito ainda como Diretor Geral e transformado em *pro-tempore* pelo Ministro da Educação) – foi desgastante para toda comunidade, evidenciando a falta de maturidade política de seus membros, quer sejam candidatos, simpatizantes, eleitores quer sejam organizadores do processo eleitoral. Cada segmento em seu papel mostrou o quanto estamos longe de sermos uma democracia participativa madura e saudável.

Toda esta experiência, na visão da Comissão Eleitoral Central – CEC – está registrada em seu relatório final sobre o que aconteceu em 2012. O Conselho Editorial da **Illuminart** resolveu publicar este relatório na sua íntegra, com o objetivo de fazer um registro histórico através do olhar do órgão oficial escolhido para conduzir este complexo processo eleitoral. Além de escolher o reitor em 26 *campi* espalhados pelo estado, a CEC ficou responsável em conduzir a eleição de sete diretores gerais de *campi*. Como outras versões sobre os fatos podem ser apresentadas, foi escolhido o relatório aprovado pelo Conselho Superior do IFSP.

No momento em que escrevo estas palavras, no Brasil estão ocorrendo diversas manifestações que começaram devido ao aumento da passagem de transporte público urbano. Este motivo, sem dúvida, é a “gota d’água” que faltava em um mar de insatisfações com nosso sistema político – no qual os “nossos” representantes não nos representam e os poderes constituídos cada vez mais se distanciam dos anseios e necessidades da população. Vivemos a falta de um serviço público com qualidade em todos os setores – menos na cobrança de impostos – e a sensação de impunidade aos erros e desvios cometidos pelos detentores do poder – no Executivo, Legislativo e não menos no Judiciário fez a população ir às ruas.

O que resultará disto? Não podemos prever.

Mas, assim como no IFSP, precisamos amadurecer enquanto nação. A transição, em geral, é difícil, muitas vezes dolorida, porém necessária. Faz-se imprescindível encontrar novas formas de compartilhar as decisões e responsabilidades; elaborar mecanismos de ajustes ao caminho traçado em prol do bem maior – seja ele qual for, e, respeito, tanto pelos indivíduos e sua história pessoal quanto pela comunidade.

Chegamos ao décimo número comemorando o trajeto percorrido pela **Illuminart**, o momento do IFSP e do Brasil, sabendo que há muito a ser feito, mas com plena convicção de que é possível fazê-lo.

Altamiro Xavier de Souza

Editor Chefe

Docente do IFSP – Campus Sertãozinho
altamirox@gmail.com

EDITORIAL

“Uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias.”
(Guimarães Rosa).

Podem as palavras compor a verdadeira ordem das revoluções e compreender os movimentos de agitação política que ocorrem no país? Talvez não possam, mas são com palavras e discursos que se constroem um mundo melhor ou pior. Tudo começa, atíça-se ou se incendeia por meio dos signos verbais que se tem à disposição.

A **Revista Iuminart** em sua décima edição olha o mundo por meio das palavras, seu veículo mais forte de transmissão das ideias, das pesquisas e dos ideais que surgem nas salas de aula, no silêncio das pesquisas em uma escrivania, na tentativa de diálogo em busca da democracia política e educacional das organizações escolares do país.

Ao seu modo, a presente edição retrata este momento de agitação e de efervescência das ideias que proliferam em todas as partes mais recônditas do Brasil. Os três primeiros artigos retratam o surgimento e desenvolvimento da educação profissional no país, desde seus primórdios até a constituição dos chamados Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia.

O tema do quarto artigo continua sendo a educação. Muda-se apenas a perspectiva de análise, agora a geografia e o seu campo de aplicação: o município de Sumaré-SP. O quinto artigo também trilha os caminhos educacionais, versando sobre o PROEJA-FIC, que visa analisar os processos de avaliação diagnóstica a fim de melhorar o ensino/aprendizagem desse público aprendiz.

Ao prosseguir na leitura, encontra-se uma reflexão sobre o romance *Tess of the d'Urbervilles*, de Thomas Hardy e o contexto da revolução industrial que afeta os modos de produção na zona rural inglesa. Embora seja um artigo sobre literatura, o olhar sobre a sociedade continua a permear este número da **Iuminart**.

Sai-se da Inglaterra e chega-se a uma das maiores metrópoles do mundo com a análise do romance *O sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho, momento em que questões de identidade e espaço são discutidas por meio da pesquisa apresentada; assim viaja-se do campo para a cidade.

Após tomar este breve fôlego pela literatura, o IFSP volta a ser o centro das investigações novamente. O artigo discute a formação do Instituto Federal de São Paulo pelo viés da CTS – Ciência, Tecnologia e Sociedade – e sua importância para compreender a regulação democrática dentro deste centro educacional.

Na sequência o leitor encontrará uma pesquisa na área de psicodiagnóstico, focando as relações entre mãe e filha, por meio de um estudo qualitativo que busca conhecer os motivos dos desajustamentos geradores de sofrimentos psicológicos.

A educação volta a ser a pauta do próximo artigo. A discussão gira em torno da ampliação do acesso à internet nos ambientes educacionais como forma de alcançar a democratização da informação, que hoje se transformou em um bem precioso.

O leitor do presente número também encontrará um estudo sobre a aplicação do sistema de gestão *Lean Six Sigma*, que tem por objetivo evitar os desperdícios. Desta forma, o artigo mostrará como foi a implantação desse método de produção em uma empresa real, possibilitando avaliar sua eficácia.

A área de química é contemplada com o estudo sobre a aplicação do software *Blender* para o uso no ensino de conceitos químicos; por meio dele o objetivo é facilitar o ensino/aprendizagem dos alunos, substituindo modelos estáticos de reações químicas por representações dinâmicas proporcionadas pelo programa de animação *Blender*.

Além disso, a revista apresenta o artigo de renomados autores da área de Matemática que discute conceitos de ciclos minimais, vértices neutrais e não-neutrais em torneios. Certamente, leitores especializados em estudos matemáticos terão um ótimo material em que basear novas pesquisas e aprofundar seus conhecimentos.

Para terminar, há a resenha sobre o livro *A presença do folhetim na minissérie Incidente em Antares*, um estudo dedicado à adaptação do romance de Érico Veríssimo para uma série televisiva.

Esperamos que este número da **Iuminart** mesmo sendo organizado com palavras arranjadas, sirva de instrumento para pensar este Brasil feito de “pessoas de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias”, melhorando a qualidade de vida delas, por meio dos estudos críticos que aqui se apresentam. Afinal, para que servem os estudos, senão para alterar o país onde vivemos?

Weslei Roberto Cândido
Editor Adjunto
Docente da UEM – Universidade Estadual de Maringá
weslei79@gmail.com



DE WESSEX PARA O MUNDO:
A UNIVERSALIDADE *DE TESS OF THE*
D'URBERVILLES

ISAÍAS ELISEU DA SILVA

Graduação em Letras e Mestrado em Estudos Literários na Universidade Estadual Paulista – UNESP – FCL – Araraquara. Docente na Faculdade de Tecnologia – FATEC - Mococa.

Contato: isaiaseliseu@gmail.com

DE WESSEX PARA O MUNDO: A UNIVERSALIDADE DE *TESS OF THE D'URBERVILLES*

Isaías Eliseu da Silva

RESUMO: O presente artigo acondiciona uma reflexão sobre o caráter universal do romance *Tess of the d'Urbervilles*, de Thomas Hardy. Ambientado no cenário rural inglês, *Tess* não se limita pelas fronteiras do regionalismo, no que diz respeito à narração de uma história que se foca sobre aspectos particulares do campo. O enredo do romance dramatiza situações que aludem à transformação do modo de produção provocado pelos efeitos da Revolução Industrial e tais ocorrências puderam ser constatadas em toda a sociedade: não apenas no campo, mas também na cidade. Desse modo, busca-se mostrar que os entraves apresentados aos personagens e, sobretudo à protagonista, ao longo do romance, não são meros acontecimentos de um drama amoroso que tem como personagem principal uma bela camponesa. São, irrefutavelmente, demonstrações das angústias que perturbavam o indivíduo daquela época em qualquer ambiente onde estivesse.

PALAVRAS-CHAVE: *Tess of the d'Urbervilles*; Universalidade; Século XIX; Sociedade; Literatura Inglesa.

FROM WESSEX TO THE WORLD: THE UNIVERSALITY OF *TESS OF THE D'URBERVILLES*

ABSTRACT: This article brings a reflection on the universal aspect of the novel *Tess of the d'Urbervilles*, by Thomas Hardy. Set in the English countryside, *Tess* is not limited by the frontiers of regionalism, concerning the telling of a story focused on particular aspects of the country. The plot of the novel dramatizes some situations that allude to the transformation of the mode of production provoked by the effects of the Industrial Revolution and these facts could be seen in the whole society: not only in the countryside, but in the city as well. This way, the intention is to show that the obstacles faced by the characters and, overall by the protagonist, throughout the novel, are not mere happenings of a love drama whose main character is a beautiful country girl. They are, surely, depictions of the anguish that disturbed the individuals of that time wherever they were.

KEYWORDS: *Tess Of The D'urbervilles*; Universality; XIX Century; Society; English Literature.

Tess of the d'Urbervilles (1891) é um dos principais romances do escritor inglês Thomas Hardy, que tinha predileção por movimentar enredo e personagens sobre o ambiente rural da Inglaterra. Esta característica já incitou o questionamento do valor literário da ficção de Hardy, pois, culturalmente, tem-se a cidade como o lugar da sofisticação e do alto conhecimento, em contraposição ao campo, compreendido simplistamente como provedor, bucólico e inocente.

Raymond Williams (2011) declara que a obra de Thomas Hardy perde muito de sua importância analítica, no que diz respeito à representação das experiências trazidas com a mudança no modo de viver e produzir, à dificuldade de escolha das personagens e às complicações geradas pela transformação do contexto sociocultural, quando o trabalho do escritor é examinado como sendo de vertente regionalista. Diz o crítico:

Esse reconhecimento, mesmo quando feito com intenção de elogio, é acompanhado da ideia de que sua obra está cada vez mais distante de nós: de que Hardy não pertence ao nosso mundo, nem mesmo ao século XIX, mas é apenas o último representante da velha Inglaterra rural ou do campesinato. (WILLIAMS, 2011, p. 328).

Para ele, tais mudanças e complexidades não advêm apenas do jogo entre a vida no campo e a vida na cidade, mas de um processo histórico muito mais complexo, ligado à questão da educação e seus laços com o avanço social que ocorre no interior da sociedade de classe.

Efetivamente a paisagem rural é preponderante como espaço no romance e esta ambientação é claramente identificável como sendo Wessex, situado ficcionalmente na porção sudoeste da Inglaterra. Entretanto, o tratamento da cor local subjaz à relevância dos eventos que ali ocorrem, dada a significativa envergadura das ações e dos entraves vividos pelas personagens. Alka Saxena e Sudhir Dixit (2001, p. 52) reconhecem, do mesmo modo, a importância secundária de atribuir a Hardy a classificação de regionalista:

Yet, Hardy in his characters and their presentation and their inter-relationship with the setting, rises much above the narrow bounds of regionalism. The settings and characters, though identifiable with the place and spirit of their time have that element of universality which renders them timelessness and universality¹.

Os motivos e temas presentes na obra não são exclusivos do mundo rural. São apresentadas aflições e tormentas que assolam tanto o camponês no ermo espaço em que se encontra, quanto o cidadão que habita as grandes cidades equipadas com a modernização.

¹ Contudo, na apresentação de suas personagens e na relação destas com o ambiente, Hardy avança muito além das estreitas fronteiras do regionalismo. O espaço e as personagens, embora identificáveis com o local e o espírito da época, possuem aquele elemento de universalidade que lhes confere imortalidade e universalidade. (SAXENA; DIXIT, 2001, p. 52; tradução nossa).

Dúvidas existenciais, questionamentos religiosos e conflitos morais dizem respeito à sociedade marcada pela heterogeneidade e pela gana de se desvencilhar de antigas amarras.

A divisão de classes era marcante no período em que Thomas Hardy viveu: *“In the mid-nineteenth century social class was an omnipresent fact, visible in where people lived, what they wore and ate, how and where they were educated, what occupation they followed, and how much money they earned”*² (INGHAM, 2009, p. 9). Segundo Ingham (2009), Thomas Hardy desejava expor essa dicotomia: *“Hardy in later life was always anxious to stress this division between the two sections of the working class [...]”*³ (INGHAM, 2009, p. 9). Mas é preciso ressaltar, uma vez mais, que, embora o interesse do escritor não fosse pela condição da Inglaterra em geral, mas pelo mundo rural de Wessex, sua obra expressa as condições da época:

*Nonetheless the half-real, half-imaginary account of Wessex draws its factual basis from roughly contemporary conditions. He is a social novelist, but not in the usual sense. He is engaged with two interlocked subjects which become the almost obsessive focus of his later novels [Tess e Jude são os seus últimos romances]: what he comes to perceive as the similar injustice in the conventional treatment of the working classes and of women, both of which he relates to the question of social mobility [...].*⁴ (INGHAM, 2009, p. 104).

Dessa forma, Wessex transforma-se em metonímia de um espaço mais amplo, apontando para a possibilidade de uma leitura que supere as fronteiras do regionalismo, como entendem os próprios críticos:

*Hardy, for all the pains he takes to present before us the geographical landscape of Wessex, never lets us forget even for a moment that his Wessex is a part of the life of the whole human race. The local characteristics and the scenes of Wessex are seen in relation to ultimate destiny and this makes them individual and universal at the same time.*⁵ (SAXENA; DIXIT, 2001, p. 55-56).

Thomas Hardy viveu em meio a grandes mudanças, quando a economia da Inglaterra experimentava períodos de prosperidade e depressão.

² Em meados do século dezenove, a classe social era um fato onipresente, visível no local onde as pessoas viviam, no que elas vestiam e comiam, em como e onde eram educadas, na profissão que seguiam e na soma de dinheiro que ganhavam. (INGHAM, 2009, p. 9; tradução nossa).

³ Hardy, no final da vida, esteve sempre ansioso para destacar essa divisão entre as duas partes da classe trabalhadora [...]. (INGHAM, 2009, p. 9; tradução nossa).

⁴ Ainda, o caráter meio real, meio imaginário de Wessex extrai sua base fática das ásperas condições da época. Ele é um romancista social, mas não no sentido usual. Está comprometido com dois assuntos interligados que se tornam o foco quase obsessivo de seus últimos romances: aquilo que vem a perceber como a injustiça similar no tratamento convencional tanto das classes trabalhadoras quanto das mulheres, ambos relacionados à questão da mobilidade social. (INGHAM, 2009, p. 104; tradução nossa).

⁵ Hardy, por todo o esforço que empreende para apresentar-nos a paisagem geográfica de Wessex, nunca nos deixa esquecer, sequer por um momento, que seu Wessex é uma parte da vida de toda a raça humana. As características locais e as cenas de Wessex são vistas ligadas ao destino final e isso as torna individuais e universais ao mesmo tempo. SAXENA; DIXIT, 2001, p. 55-56; tradução nossa).

*In the 1850s and 1860s followed the so-called 'high-Victorian' period of prosperity for the middle and upper classes and of relative adequacy for their 'inferiors' [...]. But the boom ended about 1873 as one phase of industrial development world-wide gave place to another [...]. A long depression then persisted through the 1880s and into the mid-1890s.*⁶ (INGHAM, 2009, p. 32-33).

No campo da ciência e da tecnologia as alterações também foram marcantes. Essa ebulição leva o homem do período a achar-se perturbado e em crise com seu próprio interior: ele procura o senso de individualidade perdido, questiona valores pessoais, sociais e morais e, desta forma, imbrica-se num complicado conflito de personalidade. A inquietação trazida pela modernidade abre caminho para a eclosão do Modernismo, movimento do qual Thomas Hardy é precursor.

Em *Tess of the d'Urbervilles*, a protagonista delinea a figura do “indivíduo sem lugar” do Modernismo por meio de suas experiências malogradas. Não há esperança para Tess, seu desenlace é fatal. As pressões pessoais, a constituição e o fracasso dos relacionamentos são a base para a temática da ‘mudança’ a todo momento procurada pela personagem; primeiramente, a transformação aparece como possibilidade de sucesso e, em seguida, é a oportunidade de redenção.

A eclosão da Revolução Industrial na Inglaterra, no século XVIII, apresenta-se como fator determinante para a substituição da antiga ordem de relações comerciais intensificada em meados do século XIX, o que dinamizou a vida em sociedade, recrudescendo a avidez pelo lucro e pelo capital financeiro e imprimiu ao mundo o frenético ritmo da urgência e da competitividade. Na segunda metade do século XIX o progresso foi notório (HOBSBAWN, 1978): estradas de ferro, automóveis tracionados pelo motor à combustão, energia elétrica e os benefícios dela decorrentes tornaram, sem dúvida, a vida mais confortável; por outro lado, a excessiva valorização do aspecto material do mundo subjugou o homem aos ditames de uma vida vazia de significado e lançou-o numa complicada crise de identidade.

Patricia Ingham (2009, p. 53) declara sobre Hardy que “*what determined the nature and quality of life in his rural society, however, was the wider society [...] of which the West Country was a part and to which Hardy moved as a young man*”⁷. A prosperidade, a depressão, a Guerra da Crimeia, a exposição de 1851 no *Illustrated London News* que declarava não ser Londres

⁶ Nas décadas de 1850 e 1860 seguiu-se o denominado “alto período vitoriano” de prosperidade para as classes média e alta e de relativa adequação para os seus ‘inferiores’ [...]. Mas o crescimento estagnou-se por volta de 1873, quando, mundialmente, uma fase do desenvolvimento industrial foi substituída por outra. [...]. Uma longa depressão persistiu, então, desde a década de 1880 até meados dos anos 1890. (INGHAM, 2009, p. 32-33; tradução nossa).

⁷ Entretanto, o que determinava a natureza e a qualidade da vida em sua sociedade rural era a sociedade mais ampla [...] da qual West Country fazia parte e para a qual Hardy mudou-se quando jovem. (INGHAM, 2009, p.33; tradução nossa).

apenas a capital de uma grande nação, mas a metrópole do mundo (INGHAM, 2009) faziam parte do contexto sócio-histórico em que viveu Hardy e sobre o qual escreveu.

Neste ambiente convulsivo, dadas as condições de mudanças contundentes, valores canonicamente consolidados passaram a ser questionados e as certezas mais substanciais também foram abaladas. A família, esteio da sociedade, viu-se à beira de uma situação de instabilidade e a fé cristã foi arrefecida perante o pensamento eminentemente cientificista dos últimos cinquenta anos do século XIX (BURGESS, 2006).

Thomas Hardy viveu nesse ambiente em transformação, em que o avanço tecnológico notável dá-se graças à introdução: da rede ferroviária, das bicicletas, dos carros e aviões, do telégrafo e do telefone. O que afetou de fato o escritor foram as descobertas científicas nos campos da astronomia, da geologia e a teoria da evolução: *“For him speed of travel, ease of communication, and developments in the visual medium were as nothing compared with the shattering implications for humanity of what scientists like Herschel, Lyell, and Darwin had discovered”*⁸ (INGHAM, 2009, p. 153).

As descobertas dos astrônomos mostraram a Thomas Hardy que o mundo era insignificante diante de um universo infinito. O escritor manifesta essa visão em sua obra *Two on a Tower* (1882). É da torre, que compõe o título, que o astrônomo amador, Swithin St. Cleeve, volta o seu telescópio para os céus. Nesse jogo entre a grandiosidade do universo e a pequenez humana, Hardy desenvolve seu trabalho com a perspectiva alternando descrições panorâmicas com microscópicas, conforme destaca Ingham:

*Such recurrently panoramic perspectives alternate with a microscopically detailed focus famously illustrated by the contrast between the description of Tess seen from so close that the strands of colour in her irises are visible to the narrator and the view of her standing upon ‘the hemmed expanse of verdant flatness, like a fly on a billiard table of indefinite length, and of no more consequence to the surroundings than that fly’.*⁹ (INGHAM, 2009, p. 156).

No campo das Ciências Naturais, destaca-se o trabalho de Charles Darwin, *A origem das espécies* (1859), estudo que defende a teoria da evolução das espécies através do processo da seleção natural, ou seja, o homem é resultado de um processo de desenvolvimento de formas de vida menos complexas, contrariando a hipótese bíblica do criacionismo. Com apoio na afirmação

⁸ Para ele, a velocidade das viagens, a facilidade da comunicação e os desenvolvimentos no meio visual eram nada, comparados às perturbadoras implicações que as descobertas de cientistas como Herschel, Lyell e Darwin traziam para a humanidade. (INGHAM, 2009, p. 153; tradução nossa).

⁹ Tais perspectivas recorrentemente panorâmicas alternam-se com um foco microscopicamente detalhado, notoriamente ilustrado pelo contraste entre a descrição de Tess vista de tão perto que as linhas de cores em suas íris são visíveis ao narrador, e sua permanência sobre ‘a vastidão limitada da indistinção verdejante, como uma mosca sobre uma mesa de bilhar de extensão indefinida e de nenhuma outra consequência aos arredores além daquela própria mosca’. (INGHAM, 2009, p. 156; tradução nossa).

de Darwin que declara existir a herança genética, Hardy escreve suas obras *A Pair of Blue Eyes* (1873) e *The Woodlanders* (1887) mas é em *Tess* (1891) que explora integralmente essa questão, seguindo de perto as ideias do evolucionista.

The extension of the idea of heredity to the transmission of traits more than the physical fascinates Hardy because it involves the question of free will, an aspect of casuality which preoccupies him. [...] The validity of this belief is raised in a dramatic form in Tess. She herself seems to feel trapped like the speaker in [the poem by Hardy] 'The Pedigree' after the affair with Alec.¹⁰ (INGHAM, 2009, p. 170).

O romance, concebido sob a égide desta efervescência cultural, no ano de 1891, traz em seu enredo a trajetória de Tess, uma jovem camponesa, cujo pai – John Durbeyfield – é descendente direto de uma antiga e já extinta família aristocrata – os d'Urbervilles – que remonta à Idade Média e ao poder dos senhores feudais naquele modelo de organização social. John Durbeyfield desconhecia sua ascendência nobre até o momento em que o sacerdote Tringham o fez saber numa conversa à beira da estrada:

' [...] I am Parson Tringham, the antiquary, of Stagfoot Lane. Don't you really know, Durbeyfield, that you are the lineal representative of the ancient and knightly family of the D'Urbervilles, who derive their descent from Sir Pagan D'Urberville, that renowned knight who came from Normandy with William the Conqueror, as appears by Battle Abbey Roll?¹¹ (HARDY, 1994, p. 4).

O conhecimento desta informação faz com que John Durbeyfield embrenhe-se numa empreitada de recuperação do prestígio familiar e numa conseqüente busca por ascensão social. Seu maior trunfo para esta tarefa é a filha Tess que, por sugestão da mãe, Joan Durbeyfield, parte de Marlott para Trantridge, onde reside uma família rica com o vultoso sobrenome d'Urberville. A intenção deste gesto é reivindicar o parentesco entre as duas famílias e aproximar os Durbeyfield do status que ostentavam seus antepassados.

A partir da viagem de Tess à propriedade em Trantridge dão-se os contratemplos e os logros que o enredo prepara para a protagonista: lá ela conhece Alec, ardiloso e galanteador que se constitui, ao longo da trama, no principal percalço para a vida de Tess. Ele a persegue por

¹⁰ A extensão da ideia da hereditariedade ligada à transmissão de traços mais que físicos fascina Hardy, porque envolve a questão do livre arbítrio, um aspecto da casualidade que o preocupa. [...]. A validação dessa crença é levantada de maneira dramática em *Tess*. Ela mesma parece sentir-se numa armadilha, como o eu-lírico no [poema de Hardy] *'The Pedigree'*, após o caso com Alec. (INGHAM, 2009, p. 170; tradução nossa).

¹¹ Sou o padre Tringham, antiquário de Stagfoot-Lane. É verdade que não sabe, Durbeyfield, que é representante em linha direta da antiga família de cavaleiros dos d'Urbervilles, cuja descendência vem desde Sir Pagano d'Urberville, célebre cavaleiro que veio da Normandia com Guilherme, o Conquistador, como está nos Arquivos de Battle Abbey? (HARDY, 1981, p. 16).

períodos esparsos e cruciais na trajetória da jovem e é responsável pelo desenlace da protagonista, por ser o opressor uma figura representativa de um passado que condena, no âmbito da sociedade repressora da época.

Ao passar por Trantridge e envolver-se com Alec, Tess é fadada a perambular numa busca irremediável por um lugar que a acolha. Esta movimentação tanto diz respeito à procura por um local que pudesse propiciar sua subsistência, dadas as circunstâncias econômicas, quanto também é a ânsia por refugiar-se do juízo castrador da sociedade moralista.

Na passagem pela queijaria Talbothays, Tess conhece Angel, que logo se configura como uma personagem antagonista a Alec. É dirigida àquele a devoção amorosa da jovem e ambos nutrem um sentimento afetivo recíproco que culmina no casamento. No entanto, o passado de Tess é implacável: ao saber que a esposa se envolvera com Alec e com ele tivera um filho, Angel abandona o lar e deixa Tess à conta de suas próprias forças. Rejeitada pelo marido e proscrita pela sociedade, a protagonista amarga duras provações e se sujeita a tarefas árduas para garantir seu próprio sustento.

Açoitada pelas dificuldades da vida de uma mulher sem marido naquele ambiente social, Tess sucumbe à insistência de Alec que reaparece e a leva para um balneário, onde se instalam numa pensão. Dá-se, então, o arrependimento de Angel, que retorna a Tess e a encontra com Alec. Surpresa com a volta do marido e movida por um impulso de paixão, Tess assassina Alec com um golpe de faca e foge com Angel até que, ao fim e ao cabo, é presa e condenada à morte.

Todo o enredo é ambientado numa porção rural da Inglaterra, região que circunda o local de nascimento de Thomas Hardy. Wessex é o espaço preferido do autor e constitui cenário recorrente em toda a sua obra. O apreço pelo torrão natal e a insistência em utilizá-lo como referência em seus grandes romances fazem com que a produção de Hardy seja compreendida, muitas vezes, sob a ótica do regionalismo, numa perspectiva reducionista de abordagem que destaca o pitoresco e o choque entre campo e cidade.

Muito mais do que um retrato despretensioso da Inglaterra rural, *Tess of the d'Urbervilles* é um receptáculo que condiciona algumas das tensões mais vigorosas da época em que se passa o romance, segundo Thomas Hardy.

Na Inglaterra, os anos que se estendem de 1837 a 1901 são conhecidos como o período vitoriano, pois correspondem ao reinado da rainha Vitória, soberana que conduziu o país ao apogeu econômico, garantindo-lhe lugar de destaque na geopolítica mundial. Evidentemente, o desenvolvimento atingido não extinguiu de todo as mazelas sociais. Pelo contrário, o avanço tecnológico colaborou para que se realçasse a distância, então, gritante entre ricos e pobres.

Sob vários aspectos, foi uma época de progresso – construção de estradas de ferro, navios a vapor, reformas de todos os tipos –, mas foi também uma época de

dúvida. Havia pobreza demais, injustiça demais, feiúra demais e muito pouca certeza sobre a fé ou a moral – tornou-se assim uma época de cruzados, reformadores e teóricos. (BURGESS, 2006, p. 215).

A figura da monarca foi tomada em sua gravidade como exemplo de retidão de caráter que balizara o comportamento social da época. Vivia-se sob uma aura de extremo conservadorismo, em que a moral era tema de suma importância e muito se primava pela boa conduta na família e na sociedade. Os tabus como o sexo e o cientificismo materialista eram ainda mais recalcados por conta desta moralidade convencional e da doutrina anglicana que ainda exercia grande influência no modo de agir das pessoas.

Esse aparato de comportamento que havia se instalado na sociedade refletia-se na literatura: os romances eram dotados de conteúdo altamente moralizante, com uma linguagem ornamental e, através de exemplos da ficção, visavam alertar os leitores sobre a necessidade de se acautelarem.

Na materialidade diacrônica da literatura, está o romance *Tess of the d'Urbervilles* disposto na extensão deste período denominado vitoriano. Entretanto, a data de 1891 é mais propriamente um ponto que se situa na transição entre a literatura vitoriana e o Modernismo do que um momento que possa conter a essência da filosofia do vitorianismo. Para o crítico Anthony Burgess (2006, p. 244), a duração do reinado da rainha Vitória não corresponde inteiramente ao período vitoriano na literatura:

O reinado da rainha Vitória terminou em 1901, mas a era vitoriana já havia terminado há cerca de vinte anos. Aquele espírito peculiar a que chamamos “vitorianismo” – uma mistura de otimismo, dúvida e culpa – começou a desaparecer com homens como Swinburne, o rebelde, Fitzgerald, o pessimista, Butler, o satírico, e outros mais. A literatura produzida de 1880 a 1914 se caracterizou quer pela tentativa de encontrar substitutos para uma religião que parecia estar morta, quer por uma espécie de vazio espiritual – um sentido da inutilidade de se tentar acreditar em alguma coisa.

Como verificado, o teor das obras literárias sinaliza uma guinada a partir das últimas décadas do século XIX. A moralidade obsessiva começa a dar lugar a uma temática permeada pelo pessimismo e pelo desapego à fé cristã. Este novo rumo que norteia os escritores daí em diante tem sua origem na efervescência cultural da época advinda de trabalhos revolucionários de filósofos e cientistas. Charles Darwin foi um desses estudiosos que desestabilizaram uma concepção humana convencional e conseguiu prestígio com a publicação de *A origem das espécies*, em 1859, afirmando que a vida no planeta, como a conhecemos hoje, é o resultado de processos evolutivos de formas de vida menos complexas. O cristianismo sofre, então, um duro golpe, pois a assertiva de Darwin vai de encontro à teoria bíblica do criacionismo, que admite ter sido Deus o criador do homem e de tudo o que há no universo.

Na esteira das inovações no campo do pensamento humano surgem ainda Marx, que em 1867 publica *O capital*, em que expõe uma nova maneira de organização social fundada na “interpretação materialista da história” (BURGESS, 2006, p. 215), Nietzsche, com sua teoria niilista, que em 1882 publica *A gaia ciência*, em que se encontra a célebre afirmação de que Deus está morto, e ainda Sigmund Freud, precursor da psicanálise, para quem o homem é guiado por seu próprio inconsciente.

Mas as grandes influências no trabalho de Thomas Hardy são: Charles Darwin (*The Origin of Species*, 1859); Gideon Algernon Mantell (*The Wonders of Geology*, 1838), Herbert Spencer e Auguste Comte.

*The co-existence of such writers as these along with the major poets is an indication of the interlocking of the two in the nineteenth century. The connection is sharpened by the fact that both kinds of writers shared a common medium. The distinction between literary language and other kinds is of course arbitrary. Readers today accept a historian and essayist like Carlyle as a writer of literature¹²; but in the nineteenth century all serious writers shared a common language.*¹² (INGHAM, 2009, p.73).

Sob esta conjuntura surge *Tess of the d'Urbervilles*, num período que, embora cronologicamente se rotule vitoriano, ultrapassa a fronteira de seu tempo mesclando na literatura, de forma crítica, o tradicionalismo virtuoso da sociedade conservadora que ficava para trás, com prenúncios daquilo que se exploraria exaustivamente no Modernismo que despontava: o homem em crise consigo mesmo por se achar sozinho no mundo, desprovido do suporte espiritual que o fortificava e buscando um porto seguro a que se ancorar.

Ao comentar uma conversa entre Angel e Tess em que a camponesa declara sua impressão sobre as incertezas da vida, o narrador enfatiza a aura sob a qual viviam as personagens e que influenciava as percepções da jovem: “*She was expressing in her own native phrases – assisted a little by her Sixth Standard training – feelings which might almost have been called those of the age – the ache of modernism*”¹³. (HARDY, 1994, p. 159-160, grifo do autor).

Tess relata em seu discurso toda a frustração que obtivera em decorrência de sua empreitada em Trantridge. O medo da vida, as dúvidas sobre o futuro e a sensação de estar

¹² A coexistência de escritores como esses e os principais poetas é uma indicação da ligação entre eles no século dezanove. A conexão é reforçada pelo fato de que os dois tipos de escritores compartilhavam um meio comum. A distinção entre a linguagem literária e outros tipos de linguagem é, obviamente, arbitrária. Os leitores de hoje aceitam um historiador e ensaísta como Carlyle como um escritor de literatura; mas no século dezanove, todos os escritores sérios compartilhavam uma linguagem comum. (INGHAM, 2009, p. 73; tradução nossa).

¹³ Estava externando nas suas próprias expressões nativas – auxiliada nalguma coisa pela sua formação do Sexto Grau – sentimentos que quase podiam ter sido chamados os da época – o mal do modernismo. (HARDY, 1981, p. 149-150, grifo do autor).

vivendo em uma sociedade vigilante e de visão castradora são ocorrências que sintetizam o ambiente sob o qual esteve o homem daquele tempo.

Essas incertezas e desencontros compõem o tratamento que Hardy dava a seus romances, expondo abertamente as relações sexuais sem os sentimentalismos que os romances tradicionais apresentavam e que o aproximavam do trabalho dos naturalistas. Por isso, a crítica, muitas vezes, os condenava, como é o caso, citado por Ingham, de Margaret Oliphant, que escreveu sobre *Jude The Obscure* (1895), de Thomas Hardy, reprovando tanto Hardy quanto Zola na *Blackwood's Magazine*:

'The present writer [Margaret Oliphant] does not pretend to a knowledge of the works of Zola, which perhaps she [Margaret Oliphant] ought to have before presuming to say nothing so coarsely indecent as the whole history of Jude in his relations with his wife Arabella has ever been put in English print [...]'; she [Margaret Oliphant] then adds a comment which is of interest: '[...] that is to say, from the hands of a Master. There may be books more disgusting, more impious as regards human nature, more foul in detail, in those dark corners where the amateurs of filth find garbage to their taste'.¹⁴ (apud INGHAM, 2009, p. 96).

Thomas Hardy nasceu em 1840, em Dorset, numa porção rural da Inglaterra que passava por transformações e conflitos oriundos da Revolução Industrial que se iniciara em meados do século XVIII. Portanto, Wessex – Dorset e os condados adjacentes – embora ainda apresentasse uma estrutura campesina, já experimentava os sabores de uma indústria que emergia vigorosamente na cidade grande – a primeira estrada de ferro de Dorchester foi instalada quando o escritor tinha apenas sete anos (CIVITA, 1971).

Depois de ter exercido a profissão de arquiteto em Londres, Hardy retorna a Dorset, em 1867, onde começa sua carreira de escritor. Profundamente arraigado à sua terra natal, Wessex torna-se a ambientação preferida para seus romances, daí muito da crítica considerá-lo um escritor regionalista. Em *Tess of the d'Urbervilles* elementos das vidas urbana e rural coexistem, mas não devem ser vistos como antagônicos; as descrições do maquinário que equipa as propriedades rurais produtoras, antes de revelarem a invasão da tecnologia urbana no campo, marcando a mudança de uma forma de produção obsoleta por outra mais rentável, sugerem a adesão do homem às facilidades da industrialização que se apresenta para servi-lo.

¹⁴ 'Esta escritora [Margaret Oliphant] não aspira a um conhecimento das obras de Zola, embora devesse tê-lo antes de presumir algo tão grosseiramente indecente nunca antes colocado na literatura inglesa, como é o caso da história de Jude em suas relações com a esposa Arabella [...]'; ela, então, acrescenta um comentário que interessa: '[...] ou seja, das mãos de um Mestre. Haverá livros mais repugnantes, mais ímpios a respeito da natureza humana, mais asquerosos nos detalhes naqueles cantos escuros onde os apreciadores da depravação satisfazem-se com o lixo'. (OLIPHANT apud INGHAM, 2009, p. 96; tradução nossa).

A convivência do homem e da máquina no romance é pacífica. Também não deve esta coexistência do urbano e do rural ser encarada como o marco da primeira transformação do modo de produzir, pois, quando se pretende estabelecer um ponto fixo para a mudança que ocorreu do velho modo de vida rural para a organização urbana trilha-se sobre um terreno muito instável, porquanto, na crítica historiográfica, há quem diga que esta transformação tenha ocorrido predominantemente a partir da Primeira Guerra Mundial – como é o caso de George Ewart Evans (1996) em *The pattern under the plough*.

Hardy trata da mudança ocorrida depois da década de 1830 e, se seguirmos, num movimento retroativo, o que Raymond Williams (2011) intitula “escada rolante”, chegaremos à referência de uma mudança dessa ordem na Idade Média. “Até onde nos levará essa escada rolante? Uma resposta óbvia: ao Éden; mais adiante teremos de voltar a esse jardim tão conhecido”. (WILLIAMS, 2011, p. 27). Na verdade, o que caracteriza essa mudança é a profusão de valores religiosos, humanísticos, políticos e culturais, que têm significados diferentes em épocas diferentes. A presença do mundo rural na obra de Thomas Hardy é o resultado de sua própria experiência de vida, mas não se deve limitar a intenção do autor ao puro antagonismo entre campo e cidade, numa relação respectiva de explorado e explorador.

Atenuada a importância de se considerar Hardy um escritor que se vale apenas da descrição da vida em sua terra natal, nota-se que as personagens que povoam o romance *Tess of the d'Urbervilles*, por exemplo, não representam apenas as mudanças que ocorrem numa forma de vida, mas ilustram as pressões psicológicas que oprimem a todos no nível social, ou seja, o desamparo e a decadência que acometem o campesinato, na obra, não são resultado da exploração selvagem do campo pela cidade, mas o esboço de uma situação mais ampla de desespero e fracasso, segundo a representação de Thomas Hardy.

Não é a cidade a única, ou sequer a principal responsável pela mudança da dinâmica da vida no campo; o êxodo rural que leva para os grandes centros a mão-de-obra mais especializada das fazendas é fomentado pelas transformações que o próprio campo experimenta: trabalhadores que têm seu contrato de aluguel vencido e não conseguem a renovação veem-se obrigados a deixar a terra que não mais os abriga. É, propriamente, um processo autodestrutivo.

*They [Hardy's novels] suggest not just a growing preoccupation with the rural problem, nor even a growing sense that an earlier way of life was inevitably vanishing. They suggest something more disquieting: a gathering realization that that earlier way did not possess the inner resources upon which to make a real fight for its existence. The old order was not just a less powerful mode of life than the new, but ultimately helpless before it through inner defect.*¹⁵ (HOLLOWAY, 1963, p. 53).

¹⁵ Eles [os romances de Hardy] sugerem não apenas uma preocupação crescente com o problema rural, tampouco uma percepção crescente de que um modo de vida primitivo fosse, inevitavelmente,

A decadência do antigo modo de produção é inevitável e acontece de maneira irreversível. Ao relatar o fracasso de Tess, Thomas Hardy anuncia também a queda da antiga ordem, como observa John Holloway (1963, p. 56):

*Yet it remains true that in these later works the essence of plot, the distinctive trajectory of the narrative, is the steadily developed decline of a protagonist who incarnates the older order, and whose decline is linked, more and more clearly, with an inner misdirection, an inner weakness.*¹⁶

Dessa forma, as transformações do sistema político e econômico adquirem um caráter interior, intrínseco ao próprio contexto em que ocorrem, dada a ineficiência da antiga ordem que, então, cede lugar ao novo modo de produção com seus efeitos e influências sobre os indivíduos representados no romance sob a forma de personagens dotadas de um profundo desconforto psicológico, reflexo do próprio processo de desestruturação administrativa por que passava aquela sociedade. Esta ocorrência em *Tess of the d'Urbervilles* mostra uma percepção apurada do autor em relação à dicotomia campo/cidade num nível muito mais humanístico ao invés de puramente mecânico ou realista. Os romances de Hardy denunciam muitas das aflições que ainda assolam o homem contemporâneo e o contraste entre o novo e o velho explicita a dificuldade inerente ao processo de mudança.

Neles há sempre a presença acentuada de um velho mundo rural: velho em seus costumes e na memória, mas velho também num sentido relativo aos novos tempos de educação formal, velho enquanto parte da história, e mesmo da pré-história: a consciência da transformação adquirida através da instrução. Nos grandes romances de Hardy, de vários modos diferentes, a experiência da mudança e da dificuldade da escolha são centrais, até mesmo decisivas. (WILLIAMS, 2011, p. 327-328).

O mundo rural em *Tess of the d'Urbervilles* também é o mundo da tradição, das superstições e da sabedoria popular. A Sra. Durbeyfield, símbolo da típica camponesa, consulta suas práticas supersticiosas e delas conclui que a filha conquistará a simpatia da senhora d'Urberville e, por conseguinte, o coração de algum distinto cavalheiro. Eis a confissão a seu marido:

desvanecedor. Eles sugerem algo mais inquietante: uma percepção conclusiva de que aquele modo primitivo não possuía recursos internos pelos quais valeria a pena resistir para mantê-lo. A velha ordem não era apenas um modo de vida menos poderoso do que o novo, mas definitivamente inútil perante ele por conta de deficiência interna. (HOLLOWAY, 1963, p. 53; tradução nossa).

¹⁶ Entretanto é verdade que, nestas últimas obras, a essência do enredo, a trajetória distintiva da narrativa, é o declínio constante desenvolvido por um protagonista que encarna a ordem mais antiga e cujo declínio está ligado, cada vez mais claramente, com uma má orientação interior, uma fraqueza íntima. (HOLLOWAY, 1963, p. 56; tradução nossa).

'[...] Well, Tess ought to go to this other member of our family. She'd be sure to win the lady – Tess would; and likely enough 'twould lead to some noble gentleman marrying her. In short, I know it.'

'How?'

'I tried her fate in the Fortune-Teller, and it brought out that very thing!... [...]'¹⁷
(HARDY, 1994, p. 29, grifo do autor).

Por outro lado, o mundo urbano é tido como a possibilidade de mudança, de ascensão social, é o lugar em que residem as oportunidades mais promissoras para os filhos de todas as famílias. Na casa dos Clare, Félix e Cuthbert estudaram em Cambridge e recebem o apreço dos pais pelo posto eminente que alcançaram, enquanto Angel, que renunciara à religião, não conquistou um título acadêmico e, então, limita-se ao trabalho na terra como um estagiário para que um dia possa vir a ser um proprietário.

Essas condições de vida díspares impostas pelo campo e pela cidade remontam à percepção que se criou ao longo da história das sociedades de que a vida simples no campo liga-se à candura, à paz, à tranquilidade, enfim, à desafetação propiciada por uma existência muito próxima ao estado natural das coisas, ao passo que, na cidade, o dinamismo da vida decorre do fato de ser este o espaço das conquistas humanas, da ilustração e da troca de informações.

Portanto, muito além desse traço regionalista que invariavelmente recai sobre Hardy ao escrever sobre Wessex, devem-se apreender as implicações que subjazem ao antagonismo entre o rural e o urbano, que, na verdade, apenas servem de palco para a representação de outros expedientes dicotômicos: a tradição e a erudição, os ricos e os pobres, a avidez pela conquista e a frustração, articulados sob a égide da ideologia dominante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURGESS, Anthony. **A literatura inglesa**. 2. ed. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Ática, 2006.

CIVITA, Victor (Ed.). **Os imortais da literatura universal**: Thomas Hardy. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

EVANS, George Ewart. **The pattern under the plough**. Londres: Faber & Faber, 1996.

HARDY, Thomas. **Tess**. Tradução de Neil R. da Silva. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

¹⁷ [...] Bem, Tess deve ir à casa desse outro membro de nossa família. É certo que ela, Tess, conquistaria a dama; e é quase certo que isso faria um nobre cavalheiro casar-se com ela. Enfim, eu sei disso.

- Como?

- Olhei o destino dela no *Revelador da Sorte*, e foi justamente isso mesmo que deu... [...] (HARDY, 1981, p. 37, grifo do autor).

HARDY, Thomas. **Tess of the d'Urbervilles**. Londres: Penguin Books, 1994.

HOBBSAWN, Eric John. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. Tradução de Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

HOLLOWAY, John. Hardy's major fiction. In: GUERARD, Albert J. (Org.). **Hardy**: a collection of critical essays. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1963.

INGHAM, Patricia. **Thomas Hardy**. Londres: Oxford University Press, 2009.

SAXENA, Alka; DIXIT, Sudhir. **Hardy's Tess of the d'Urbervilles**. New Delhi: Atlantic Publishers and Distributors, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.